

Organizadores
Edilberto Florêncio dos Santos
Cícero Joaquim dos Santos
Reginaldo Alves de Araújo

NAS TRILHAS DO SERTÃO

ESCRITOS DE CULTURA E POLÍTICA DO CEARÁ

VOLUME 9

Edições UVA

Editora
**SER
TÃO
CULT**

ORGANIZADORES



Edilberto Florêncio dos Santos

Doutorando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Ceará - PPGH-UFC. Mestre em História e Culturas pelo Mestrado Acadêmico em História-MAHIS da Universidade Estadual do Ceará-UECE (2018). Possui especialização em Ensino de História do Ceará (2013) e em Gestão Cultural (2019) pelo Laboratório de Gestão Cultural - UVA. Graduação em História pela Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA (2011). Professor Efetivo da Rede Municipal de Educação de Sobral-CE. É Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Patrimônio e Memória, da Universidade Federal do Ceará-UFC e do Miragens de História - Grupo de Estudos e Pesquisas em Teoria e História da Historiografia, da Universidade Federal de Campina Grande.



Cícero Joaquim dos Santos

Professor Adjunto do Departamento de História da URCA. Docente do Programa de Pós-Graduação em Ensino de História (ProfHistória) e do Mestrado Profissional em Educação (PMPEDU/URCA). Realizou estágio de pós-doutorado em História na UNIRIO. Doutor em História pela UFC. É líder do Núcleo de História Oral, Memória e Diversidades – NHISTAL (URCA/CNPq). Coordenador da GENXES: Rede Internacional LGBTQIA+.



Reginaldo Alves de Araújo

Possui Doutorado e mestrado em História social pela Universidade Federal do Ceará (UFC), é graduado e especialista em História pela Universidade Estadual Vale do Acaraú, atualmente é pesquisador do Grupo de pesquisa Sociedade de Estudos Oitocentistas (SEBO), professor da EEMTI Ayres de Sousa. Tem experiência na área de História do Brasil, com ênfase em História do Brasil Império e história do Brasil imperial na província do Ceará.

Organizadores

Edilberto Florêncio dos Santos

Cícero Joaquim dos Santos

Reginaldo Alves de Araújo

NAS TRILHAS DO SERTÃO

ESCRITOS DE CULTURA E POLÍTICA DO CEARÁ

VOLUME 9



Sobral - CE
2026

Editora
**SER
TÃO
CULT**



Nas Trilhas do Sertão: escritos de cultura e política do Ceará - Volume 9.

© 2026 copyright by: Edilberto Florêncio dos Santos, Cicero Joaquim dos Santos, Reginaldo Alves de Araújo (Orgs).

Impresso no Brasil/Printed in Brazil



Editora
**SER
TÃO:
CULT**



Rua Maria da Conceição P. de Azevedo,
1138
Renato Parente - Sobral - CE
(88) 3614.8748 / Celular (88) 9 9784.2222
contato@editorasertaoocult.com.br
sertaoocult@gmail.com
www.editorasertaoocult.com.br

Av. da Universidade, 850 - Campus da Betânia - Sobral-CE
CEP 62040-370 - Telefone: (88) 3611.6613



Associação Brasileira das
Editoras Universitárias

Reitora

Profa. Dra. Izabelle Mont'Alverne Napoleão Albuquerque

Coordenação Editorial e Projeto Gráfico
Marco Antonio Machado

Coordenação do Conselho Editorial
Antonio Jerfson Lins de Freitas

Vice-Reitor

Prof. Dr. Francisco Carvalho de Arruda Coelho

Conselho Editorial

Ana Carolina Eiras Coelho Soares
Andreia Rodrigues de Andrade
Camila Teixeira Amaral
Cicero João da Costa Filho
Felipe Azevedo Cazetta
Geranilde Costa e Silva
Gilberto Gilvan Souza Oliveira
João Batista Teófilo Silva
Juliana Magalhães Linhares
Valéria Aparecida Alves

Diretora das Edições UVA

Profa. Dra. Maria Socorro de Araújo Dias

Conselho Editorial

Comitê Nacional

Maria Socorro de Araújo Dias (Presidenta)
Alexandra Maria de Castro e Santos Araújo
Ana Iris Tomás Vasconcelos
Anyta Pimentel Gomes Fernandes Vieira Meyer
Carlos Augusto Pereira dos Santos
Claudia Goulart de Abreu
Eliany Nazaré Oliveira
Eneas Rei Leite
Francisco Helder Almeida Rodrigues
Francisco Tadeu de Carvalho Belchior
Magalhães
Izabelle Mont'Alverne Napoleão Albuquerque
Israel Rocha Brandão
Maria Adeline Monteiro da Silva
Maria Amélia Carneiro Bezerra
Maria José Araújo Souza
Maria Somália Sales Viana

Maristela Inês Osawa Vasconcelos
Raquel Oliveira dos Santos Fontinele
Simone Ferreira Diniz
Renata Albuquerque Lima
Tito Barros Leal de Ponte Medeiros
Virginia Célia Cavalcanti de Holanda

Comitê Internacional

Clarissa Sousa de Carvalho - College of the Holy Cross (Estados Unidos)
Elisa Larcerda-Vandenborn - Université de Montréal (Canada)
Miguel Basto Pereira - Instituto Universitário de Ciências Psicológicas,
Sociais e da Vida | ISPA (Portugal)
Sara Sofia Fernandes de Lima - Instituto Politécnico de Saúde do Norte
| CESPU (Portugal)
Susana Pedras - Instituto de Psicologia e Ciências da Educação |
Universidade Lusíada (Portugal)

Revisão

Karoline Viana Teixeira

Diagramação

João Batista Rodrigues Neto

Imagem da capa

Dellano Lima
@dellanolima

Catalogação

Leolph Lima da Silva - CRB3/967

Catalogação

Neto Ramos CRB 3/1374

T829 Nas trilhas do sertão: escritos de cultura e política do Ceará. / Organizado por Edilberto Florêncio dos Santos, Cicero Joaquim dos Santos, Reginaldo Alves de Araújo. - Sobral CE: Sertão Cult, 2026.

336p.
v.9

ISBN: 978-65-5421-284-7 - papel

ISBN: 978-65-5421-283-0 - E-book em pdf

ISBN: 978-85-9539-063-8 - E-book em pdf (Edições UVA)

Doi: 10.35260/54212830-2026

1. Ceará- Cultura e política. 2. Sertão, CE- Contextos políticos. 3. História- Ceará. 4. Sertão, CE- Política e Cultura. I. Santos, Edilberto Florêncio dos. II. Santos, Cicero Joaquim dos. III. Araújo, Reginaldo Alves de. IV. Título.

CDD 981.31

SUMÁRIO

Apresentação	5
---------------------------	----------

PARTE I - CONFLITOS NO CEARÁ COLONIAL E IMPERIAL

Ipu “Pré-Histórico”	13
----------------------------------	-----------

Francisco Petrônio Lima

Raimundo Alves de Araújo

As disputas políticas na Ribeira do Acaraú em torno da morte e dos bens do coronel Sebastião Pinheiro Raposo (1720-1737).....	39
--	-----------

Raimundo Nonato Rodrigues de Souza

Adauto Neto Fonseca Duque

A causa política do Brasil: as Câmaras Municipais das Vilas de índios de Messejana e Soure na Independência	67
--	-----------

João Paulo Peixoto Costa

A Confederação do Equador do Ceará: um ensaio	83
--	-----------

Reginaldo Alves de Araújo

PARTE II - CIDADE E POLÍTICA NO CEARÁ REPUBLICANO

“Homens ociosos, meninos vadios e mulheres de vida airada”: ações de higienização e controle social no porto de Camocim-CE (1920-1970) ..	103
--	------------

Carlos Augusto Pereira dos Santos

“O Brasil continua no mesmo, apenas mudou o rótulo”: a Revolução de 1930 no jornal <i>O Debate</i>, Sobral-CE (1931-1932)	119
--	------------

Matheus Braga Almeida

Edvanir Maia da Silveira

Só dói quando ele ri: charges e atentados de extrema-direita na abertura da ditadura civil-militar.....	141
--	------------

José Airton de Farias

Ditadura militar em foco nas histórias e memórias de Sobral, Ceará... 175
Viviane Prado Bezerra

PARTE III - CULTURA E ESCRITOS DO PASSADO

Diante da História: a representação imagética da origem da história oficial da cidade de Sobral-CE, entre a vidência e a evidência..... 199
Francisco Dênis Melo

Eusébio de Sousa e a Construção da Narrativa Histórica: entre o Romantismo e o Classicismo 219
Antonio Vitorino Farias Filho

O Cariri cearense entre o oásis e o sertão: a influência de Euclides da Cunha nos escritos de Raimundo de Oliveira Borges 239
Johnnys Jorge Gomes Alencar
Lina Maria Brandão de Aras

“Onde a luz fez a curva”: a imagem e o movimento 255
Thiago Braga Teles da Rocha

“Boi, boi, boi. Nós todos queremos ver”: aspectos da brincadeira dos bois e reisados em Sobral-CE 271
Edilberto Florêncio dos Santos
Jéssica Gomes Vasconcelos

PARTE IV - CIDADE E ENSINO

“Ensino a pescar, não dou o peixe”: as ações sociais e educativas de Padre Crisares no município de Acopiara/CE 291
Ana Cristina de Sales
Maria Arleilma Ferreira de Sousa
Cícero Joaquim dos Santos

Aprender a ler e escrever no sertão cearense: apontamentos para uma história cultural da leitura e da escrita no Ceará 303
Léo Mackellene Gonçalves de Castro
Gisafran Nazareno Mota Jucá

A história do ensino de história e o trabalho com a diversidade étnico-racial em Jardim-CE: por uma educação amefricana e antirracista 315
Antonio Luiz de Santana Neto
Cícera Nunes

APRESENTAÇÃO

Em 1923, Oliveira Vianna levantou a tese de que, no Brasil, as mudanças ocorreriam sempre sem a participação popular e de forma pacífica, sem grandes sobressaltos.¹ Trata-se de uma tese que talvez tenham inspirado interpretações como a de uma Independência sem sobressaltos². Dez anos depois de Vianna, foi a vez da formulação da tese da democracia racial por Gilberto Freyre³ e, mais três anos à frente, no alvorecer do Estado Novo, Sérgio Buarque de Holanda desenvolvia o conceito de *homem cordial*, a partir da ideia de que o brasileiro seria alguém muito ligado às ações pessoais e pouco afeito às formalidades.⁴

É necessário dizer, contudo, que o conceito de *homem cordial* em Sérgio Buarque de Holanda não está relacionado à ideia de bondade (como posteriormente passou a ser atribuído ao historiador), mas sim às práticas do coração, no sentido de um sujeito que se move por relações pessoais e não formais. Trata-se, portanto, do oposto da imparcialidade, característica associada por esses historiadores ao mundo capitalista, enquanto o Brasil era compreendido como a antítese do capitalismo liberal.

De toda forma, ainda hoje, sobretudo fora dos espaços universitários, a ideia de um povo naturalmente bom e pacífico permanece viva como interpretação recorrente na imprensa e na cultura histórica difundida pela mídia. Desse modo, as duas leituras (a interpretação equivocadamente atribuída a Sérgio

1 Segundo Oliveira Vianna: “...espírito público nunca existiu no Brasil. Entre nós, a vida política foi sempre preocupação e obra de uma minoria diminuta, de volume pequeníssimo em relação à massa da população.” VIANNA, Oliveira. *O caso do Império*. 3ª ed. Rio de Janeiro: ABL, 2006, p. 20.

2 NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das. *Corcundas e constitucionais: cultura política (1820-1822)*. Rio de Janeiro: Revan/FAPERJ, 2003, p. 415.

3 FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob regime da economia patriarcal*. 48. ed. São Paulo: Global, 2003.

4 HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. 26.ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

Buarque de Holanda e a noção de pacificidade associada a Oliveira Vianna), fundiram-se para formar um verdadeiro mito da historiografia brasileira: o de que o brasileiro seria um povo ordeiro, não afeito a revoluções e à violência. Tais percepções somaram-se ao conceito de democracia racial brasileira, estabelecendo um mito fundador da “brasileidade”, que, no campo político, articulava-se ao nacionalismo do Estado Novo naquele mesmo contexto.

Essas visões historiográficas, elaboradas por historiadores a partir das experiências políticas do Sudeste⁵, tornaram-se, até bem recentemente, verdadeiros mantras da historiografia nacional, consolidando-se como definições do que seria “ser brasileiro”, inclusive em espaços geográficos marcados por conflitos e massacres, como a Guerra de Canudos, o Caldeirão, a Confederação do Equador, as guerras de Independência e a Revolução Pernambucana. Assim, os espaços mais distantes do Sudeste precisaram adaptar os acontecimentos de seu passado à elaboração de um nacionalismo sul-centrado e contrafactual ao longo de praticamente todo o século XX, visão que encarava os interiores do país como espaços sem história ou não nacionais, meros vagões da locomotiva “sudestina”. A história do Brasil, nesses termos, era a história do Sudeste.

No chamado “Norte do país”, (Nordeste e Norte, na verdade) prevaleceu essa interpretação historiográfica ensinada nas escolas por meio dos livros didáticos, bem como difundida pelas produções da grande mídia, pelo cinema nacional e pela produção acadêmica. Trata-se de uma cultura histórica não apenas centralizadora, mas sobretudo marginalizadora das realidades e dos acontecimentos situados fora do eixo Rio–São Paulo.

Todavia, desde o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), nunca deixou de existir uma historiografia do Ceará. O problema — ou a especificidade — dessas produções esteve na forma como eram abordadas nos meios intelectuais ditos “nacionais”. Enquanto a historiografia produzida no Rio de Janeiro e em São Paulo se autodenominava “História do Brasil”, as produções historiográficas cearenses eram sempre identificadas como “do Ceará”. Uma historiografia “regional”, entendendo-se o termo não no sentido de que toda produção historiográfica é, necessariamente, regional, mas como sinônimo de algo menor, voltado apenas às especificidades locais e afastado dos chamados grandes problemas nacionais.

5 Evidentemente, os organizadores não ignoram que Gilberto Freyre é pernambucano e, portanto, geograficamente falando, um homem do Nordeste; contudo, entende-se aqui que sua obra foi incorporada a um mito fundador que, a partir da década de 1930, passou a associar a “nacionalidade” ao Sudeste do país ou, mais precisamente, a afirmar a centralidade do Sudeste.

Nas últimas duas décadas, essa visão tem sido superada, inclusive nas universidades do Sudeste e por historiadores da própria região. Contudo, no campo de Clio, as temporalidades são múltiplas e as mudanças ocorrem em velocidades distintas, a depender dos meios de circulação das ideias. Se nas academias se constrói uma história descentralizada, o mesmo não se observa na cultura histórica consumida pelas populações e reproduzida pela mídia e pelos manuais escolares.

Torna-se, portanto, necessário popularizar uma história dos sertões. A coleção *Nas trilhas do sertão: escritos de cultura e política do Ceará* vem, há uma década, perseguindo esse objetivo, por meio da difusão de textos que analisam diferentes aspectos das experiências de homens e mulheres nos mais variados espaços do Ceará, seja nas campinas aos pés da Serra da Ibiapaba, nos trilhos da ferrovia Ipu-Sobral, nas marinas de Fortaleza ou Camocim, ou ainda nos caminhos e paisagens rurais e urbanas do Cariri. O “Trilhas” volta-se, assim, para o Brasil profundo, o Brasil do Ceará.

No rastro desse propósito, o presente volume organiza-se da seguinte forma: a primeira parte do livro, intitulada “*Conflitos no Ceará Colonial e Imperial*”, é aberta pelo artigo *Ipu pré-histórico*, de Raimundo Alves e Petrônio Lima, que analisa vestígios deixados por povos pré-cabralinos nos arredores da cidade, como pilões de pedra, urnas funerárias, pinturas rupestres e diversos artefatos líticos coletados por pesquisadores locais. Em seguida, o texto de Raimundo Nonato de Sousa e Aduino Neto Duarte, *As disputas políticas na Ribeira do Acaraú em torno da morte e dos bens do coronel Sebastião Pinheiro Raposo (1720–1737)*, examina uma documentação densa — parcialmente publicada pelo Barão de Studart e pelo Projeto Resgate — para discutir disputas em torno da morte de um bandeirante, abordando questões como a posse da terra, as relações de trabalho e a afirmação do Império lusitano no interior cearense do século XVIII.

Avançando para o século XIX, João Paulo Peixoto analisa a participação dos indígenas da vila de Messejana e de Soure (atual Caucaia) no processo de Independência do Brasil, questionando interpretações clássicas que os colocam à margem dos acontecimentos históricos. Encerrando essa primeira parte, Reginaldo Alves de Araújo, no capítulo *A Confederação do Equador do Ceará: um ensaio*, defende que o movimento cearense teria sido distinto de seu homônimo pernambucano, ao qual se vinculou apenas posteriormente, apresentando motivações e objetivos próprios.

A segunda parte, “*Cidade e Política no Ceará Republicano*”, inicia-se com o trabalho de Carlos Augusto Pereira dos Santos, *Homens ociosos, meninos vadios e mulheres de vida airada: ações de higienização e controle social no porto de Camocim-CE (1920–1970)*, no qual o autor analisa conflitos sociais entre comerciantes locais e populações migrantes em períodos de seca, bem como as demandas por políticas de higienização e controle social. Na sequência, Edvanir Maia da Silveira e Matheus Braga Almeida estudam o papel do jornal *O Debate*, de Cordeiro de Andrade, no contexto político de Sobral durante o Período Vargas.

Dando continuidade, José Airton de Farias, no capítulo *Só dói quando ele ri: charges e atentados de extrema-direita na abertura da ditadura civil-militar*, analisa charges publicadas em jornais do Rio de Janeiro e do Ceará sobre atentados promovidos por grupos como o MAC, CCC, VCC, AAB, FPN, Comando Delta e MRN, ampliando o olhar para o contexto político nacional. Ainda nessa parte, Viviane Prado Bezerra, em *Ditadura Militar em foco na história e memória de Sobral, Ceará*, problematiza os posicionamentos políticos da cidade durante o regime, destacando divisões internas da ARENA e a atuação de lideranças locais.

A terceira parte, “*Cultura e Escritos do Passado*”, reúne estudos sobre memorialistas, historiadores e cronistas de diferentes cidades cearenses. Francisco Denis Mello, em *Diante da história: a representação imagética da origem da história oficial da cidade de Sobral*, analisa imagens e narrativas do mito fundador da cidade. Antônio Vitorino, por sua vez, examina a produção histórica de Eusébio de Sousa sobre Ipu, enquanto Johnnys Jorge Gomes Alencar e Lina Maria Brandão de Aras discutem a influência de Euclides da Cunha nos escritos sobre o Cariri. Thiago Braga Teles da Rocha historiciza uma revista em quadrinhos sobre o eclipse solar de 1919, e Edilberto Florêncio dos Santos e Jéssica Vasconcelos analisam a brincadeira do *Bumba meu boi* em Sobral.

A quarta e última parte, “*Cidade e Ensino*”, aborda experiências educativas no Ceará. Ana Cristina de Sales, Maria Arleilma Ferreira de Sousa e Cícero Joaquim dos Santos analisam as ações do padre Crisares Sampaio Couto em Acopiara. Léo Mackellene Gonçalves de Castro e Gisafran Nazareno Mota Jucá discutem práticas de leitura e escrita no sertão cearense, e Antônio Luís de Sousa Neto e Cícera Nunes problematizam os limites eurocêtricos do ensino de História em Jardim-CE.

Seguindo esses caminhos urbanos e rurais do Ceará, há dez anos a coleção *Nas trilhas do sertão* vem contribuindo para a construção de outras histórias

do Brasil a partir dos sertões. No volume 9, a coleção reafirma seu compromisso com a descentralização dos olhares, o questionamento das hegemonias epistêmicas e a construção de novas trilhas interpretativas.

Cícero Joaquim dos Santos
Edilberto Florêncio dos Santos
Reginaldo Alves de Araújo

Organizadores

PARTE I

**CONFLITOS NO
CEARÁ COLONIAL E
IMPERIAL**

IPU “PRÉ-HISTÓRICO”

Francisco Petrônio Lima¹
Raimundo Alves de Araújo²

Ipu, uma cidade construída em cima de um cemitério indígena

Há anos vejo, no Facebook, as publicações de meu amigo Petrônio Lima em suas aventuras, descobrindo sítios arqueológicos e artefatos pré-históricos nas matas de nossa cidade. Como historiador, sei da importância de se estudarem essas relíquias, e foi por isso que o convidei para produzirmos juntos um artigo para o *Nas Trilhas do Sertão* sobre o tema. Contudo, nem eu nem ele possuímos bagagem teórica ou capital político que nos possibilite avançar nas pesquisas, analisando satisfatoriamente esses artefatos e deixando esse conhecimento à disposição da história regional.

O que sabemos é que os achados arqueológicos são pré-coloniais, com datação desconhecida, podendo ter tanto séculos quanto milhares de anos de idade (trata-se, por ora, de especulação). O procedimento adequado seria uma investigação científica financiada por alguma universidade federal utilizando a técnica de datação por carbono-14, para datar os sítios arqueológicos e os artefatos pré-coloniais encontrados no Ipu e em sua região. E que artefatos são esses? Pinturas rupestres, pilões de pedra, urnas funerárias, pontas de flechas,

1 Francisco Petrônio Lima é graduado em História pela Universidade Estadual do Vale do Acaraú (UVA); professor de História da Rede Municipal de Educação do município de IPU, “aventureiro” e “mateiro” conhecedor das matas e das trilhas antigas da referida cidade.

2 Raimundo Alves de Araújo: Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professor da Escola Profissionalizante Antônio Tarcísio Aragão, 5ª CREDE, Ipu, Ceará. E-Mail: raimundo.araujo@prof.ce.gov.br

machadinhas, cachimbos e outros artefatos de argila. No entanto, estamos a anos-luz dessa possibilidade.

Alguns desses objetos estão sendo reunidos por dois benfeitores de nossa cidade: o Sr. Luiz Pessoa Aragão e sua filha, a geógrafa Larissa Pessoa Aragão. Eles não têm medido esforços para construir um museu municipal, onde essas relíquias serão abrigadas, legalizadas junto ao IPHAN e deixadas abertas à visitação pública. Por ora, esse museu seria localizado no sítio São João, nas imediações da Várzea do Jiló, distrito de Ipu, Ceará. Sem o mecenato de pai e filha (Luiz e Larissa), é provável que a quase totalidade dessas relíquias já tivesse se perdido para sempre. Parabéns a ambos. Sobre esse assunto, o repórter Francisco José fez uma matéria para seu blog, dando conta do “andar da carruagem”.

O proprietário da indústria Água Mineral Acácia; professor Luiz Pessoa Aragão, [...] mecenas da cultura ipuense; [...] revelou que tudo começou quando na localidade Palmeirinha, foram encontrados os primeiros objetos pelos nativos, (pelos) moradores locais. Após os objetos lhes serem entregues, as informações de outros achados começavam a chegar ao seu conhecimento, e assim conseguiu juntar todo o acervo e protegê-los para que fossem estudados [...]. Para tanto, a filha do professor Luiz Pessoa Aragão, doutoranda em Geografia pela UFC [...]; Larissa contratou sua colega Dra. Daniele, [...] graduada em arqueologia, [...] e as duas cientistas estão desde então debruçadas nas pesquisas e estudos de todo o material.³

Convidados a participarem deste artigo, nossos amigos não puderam fazê-lo, pois Larissa está se dedicando exclusivamente a seu doutoramento, não podendo desviar o foco para outros projetos. Respeitamos isso. E, por isso mesmo, não utilizaremos imagens do acervo de ambos, a não ser a fotografia divulgada no *Ipu Notícias*, anos atrás. A ideia é aguardar a divulgação das pesquisas de Larissa, para, somente então, expormos ao público as imagens de tais peças.

3 Ipu Notícias. Achados arqueológicos encontrados em Ipu, em fase de estudos, serão levados ao conhecimento do IPHAN, e um museu será criado. 07/2022. Disponível em: <http://www.reporterfranciscojose.com.br/2022/07/achados-arqueologicos-encontrados-em.html>. Acesso em: 12 ago. 2025.

Figura 1 - Achados arqueológicos encontrados em Ipu, Ceará, Brasil.

Fonte: Acervo pré-histórico do Sr. Luiz P. Aragão, Ipu Ceará.

Para que o leitor possa entender: quase todas as peças aqui mostradas (urnas e machadinhas de pedra) são imagens meramente decorativas e foram extraídas da internet, pois evitaremos ao máximo “roubar o ineditismo” do trabalho de nossos amigos pesquisadores. Motiva-nos também certa impaciência com o “andar da carruagem”. Quando o assunto é proteger essas relíquias e escrutiná-las, as coisas têm avançado a passos lentos. São anos e anos sem que consigamos chamar a atenção da imprensa da capital, das autoridades locais, ou da comunidade acadêmica para o rico potencial dessas relíquias.

Há anos vejo Petrônio Lima se aventurando, até com risco de sua vida, como um verdadeiro “Indiana Jones do Ipu”, por trilhas e matas quase inexpugnáveis, à procura de pilões de pedra, artefatos indígenas, pinturas rupes-tres e lajeiros com indícios de ocupação pré-colonial, sem que haja qualquer reconhecimento de seus esforços ou valorização de suas ações. Pretendemos mudar isso, dando visibilidade e divulgação aos achados de nosso nobre e aventureiro amigo.

Graças aos esforços de Petrônio e de outros colaboradores, recentemente ocorreu o tombamento, junto ao IPHAN, de dois sítios arqueológicos localizados na cidade, e há promessas de novas averiguações e de novos tombamentos. Nosso texto visa apresentar ao público leitor o que há de novidade acerca dessas pesquisas, localizando geograficamente os sítios e suas relíquias, para

que, assim, um pesquisador inveterado ou turista curioso possa localizá-los se assim o desejar.

O que sabemos é que podemos morrer amanhã sem vermos essas relíquias adequadamente protegidas e preservadas! E foi isso que nos motivou, a mim e a Petrônio, a escrevermos juntos este artigo e a dar-lhe visibilidade na coleção *Nas Trilhas do Sertão*, da editora SertãoCult.

Um contratempo: a omissão da AILCA

Precisamos relatar aqui um episódio curioso, ocorrido comigo (Raimundo Araújo). Após ser convidado a integrar a Academia Ipuense de Letras, Ciências e Artes (AILCA), procurei articular-me com o Sr. Luiz Aragão, sua filha Larissa, o trilheiro Petrônio Lima e o Sr. Neto Melo (fundador do Museu Tertuliano de Melo, de Ibaretana, na Serra Azul, Ceará),⁴ com o objetivo de reunirmos esforços para proteger e preservar as peças arqueológicas localizadas no município de Ipu e em suas imediações.

A ideia consistia em reunir o acervo do Sr. Luiz Aragão em uma mostra permanente, a ser instalada no casarão-sede da Academia Ipuense de Letras, e, para isso, proceder à sua legalização junto ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), mantendo-o aberto à visitação pública. Informamo-nos, então, acerca da burocracia necessária para tal iniciativa, promovemos alterações no estatuto da AILCA, a fim de que a instituição pudesse responsabilizar-se juridicamente pela preservação das peças, acondicionando-as em local adequado (um dos salões do casarão Osvaldo Araújo) e em redomas de vidro. Todas as providências foram tomadas pelo Sr. Luiz Aragão.

Uma assembleia com os membros da AILCA foi realizada, e todas as mudanças foram aprovadas por unanimidade. Contudo, para minha surpresa, após a formalização de todos os procedimentos, a chamada “velha guarda da Academia” reuniu-se em um “gabinete paralelo” e, desconsiderando as deliberações da assembleia, acabou por sustar aqueles encaminhamentos.

Nas palavras de seu porta-voz e presidente: “A AILCA existe para zelar pela cultura ipuense. Foi projetada para abrigar poetas, sonetistas e musicistas, todos oriundos das famílias tradicionais, e nada tem a ver com ossos, relíquias indígenas e afins”. Diante disso, o fato é que a Academia, que se apresentava

4 Nosso amigo Neto Melo, fundador do museu Tertuliano de Melo, morreu antes da publicação deste artigo. Dedicamos esse texto a ele. Descanse em paz, amigo!

como instituição de Letras, Ciências e Artes, recusou-se a proteger o referido acervo. Tal decisão causou-me profundo estranhamento, levando-me a refletir, por dias, sobre seus fundamentos.

Após esse episódio, solicitei meu desligamento imediato da instituição, por não concordar com a postura adotada diante da preservação do patrimônio arqueológico local.

Iracema, uma índia-postiça a serviço da identidade local

A relação do Ipu com seu passado indígena é, no mínimo, controversa. Se, por um lado, há na tradição local o “louvor à memória de Iracema” (uma índia fictícia nascida da verve poética de José de Alencar), por outro, há, em paralelo, um esforço, consciente ou inconsciente, promovido por elites locais, no sentido oposto, buscando negar quaisquer traços indígenas presentes em seu passado histórico.

A “Iracema” que a cidade cultua em suas festividades cívicas e ostenta em sua praça principal não é uma indígena real, mas uma construção ufanista elaborada pelo romantismo de José de Alencar. Tal questão poderia, por si só, constituir objeto de uma tese de doutorado, mas não constitui o cerne deste artigo.

Ao verem a cidade sendo citada por Alencar em seu romance, as elites locais, nas décadas de 1930 e 1940, passaram a reivindicar para si a condição de “cidade-berço de Iracema”, apropriando-se simbolicamente dessa referência literária e buscando projetar prestígio sobre si e sobre a cidade.

Assim, a cidade de Ipu, por meio de seus chamados intelectuais orgânicos (a Academia de Letras, as escolas e determinados agentes públicos), constrói um verdadeiro culto à figura de Iracema. Esse culto fornece um “mito fundador” para a cidade, sendo difundido por tais agentes como elemento constitutivo de sua identidade histórica. Segundo essa narrativa, a cidade teria surgido a partir dos encontros amorosos entre Martim Soares Moreno e a personagem Iracema. O aspecto mais significativo, entretanto, reside no fato de que essa mesma elite intelectual demonstra pouca atenção ao passado indígena efetivamente existente na região, evidenciando uma contradição marcante entre a valorização do mito e a negligência em relação à história concreta.

Figura 2 - Iracema, José Maria de Medeiros, Recife. Óleo sobre tela, 1881



Fonte: Picturing the Americas.

Disponível em: <https://picturingtheamericas.org/painting/iracema/?lang=pt-pt>.

Acesso em: 09 maio 2025.

Enquanto a cidade nega seu passado indígena, ao mesmo tempo em que os tenta uma mulher indígena como “mito fundador”, verifica-se que há, entre a população local, não apenas entre os ipuenses, mas também entre os cearenses dessa região do estado, uma elevada presença de ascendência dos povos originários. Os cearenses constituem um povo marcadamente mestiço, com significativa miscigenação envolvendo matrizes indígenas, europeias e africanas. Nesse sentido, para ilustrar tal assertiva, convidamos alguns colaboradores a cederem suas imagens para compor este texto.

Um estudo realizado por meio da análise do genoma - conjunto do DNA -, com participação de quase 3 mil brasileiros, apontou que o Ceará tem 65% de ancestralidade europeia. [...] A pesquisa ainda constatou que, apesar da miscigenação intensa, com predominância da ancestralidade europeia, o Estado ainda conta com 19% de ascendência africana e 16% indígena.⁵

5 Site *O Otimista*: Ceará tem 65% de ancestralidade europeia, aponta estudo DNA do Brasil. Publicado em: 17 de maio de 2025. Disponível em: <https://www.ooptimista.com.br/noticias/ceara-tem-65-de-ancestralidade-europeia-aponta-estudo-dna-do-brasil?category=panorama>.

Editora
**SER
TÃO
CULT**
10 anos

Este livro foi composto em fonte Minion Pro, impresso no formato
16 x 23 cm em offset 75 g/m², com 336 páginas e em e-book formato pdf.
Maio de 2026.

**Saiba como adquirir o livro
completo no site da SertãoCult**

www.editorasertaocult.com.br

Editora

**SER
TÃO
CULT**



Em 1923, Oliveira Vianna levantou a tese de que, no Brasil, as mudanças ocorreriam sempre sem a participação popular e de forma pacífica, sem grandes sobressaltos. Trata-se de uma tese que talvez tenha inspirado interpretações como a de uma Independência sem sobressaltos. Dez anos depois de Vianna, foi a vez da formulação da tese da democracia racial por Gilberto Freyre e, mais três anos à frente, no alvorecer do Estado Novo, Sérgio Buarque de Holanda desenvolvia o conceito de *homem cordial*, a partir da ideia de que o brasileiro seria alguém muito ligado às ações pessoais e pouco afeito às formalidades.

É necessário dizer, contudo, que o conceito de *homem cordial* em Sérgio Buarque de Holanda não está relacionado à ideia de bondade (como posteriormente passou a ser atribuído ao historiador), mas sim às práticas do coração, no sentido de um sujeito que se move por relações pessoais e não formais. Trata-se, portanto, do oposto da imparcialidade, característica associada por esses historiadores ao mundo capitalista, enquanto o Brasil era compreendido como a antítese do capitalismo liberal.

